

SUSANA PIMENTA & ORQUÍDEA RIBEIRO

spimenta@utad.pt; oribeiro@utad.pt

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO (UTAD), PORTUGAL

MEMÓRIAS COLONIAIS EM REIS VENTURA E DULCE MARIA CARDOSO

RESUMO

Reis Ventura, escritor e jornalista residente em Luanda nos anos 50-70 do século XX, redige obras de temática colonial, nomeadamente sobre a comunidade branca em Angola, numa visão eurocêntrica e lusotropical. No pós-independência de Angola, lança a obra *Os dias da vergonha*, que visa relatar os acontecimentos ocorridos desde a revolução de abril de 1974 até 11 de novembro de 1975. Mais de 40 anos depois do 25 de abril, Dulce Maria Cardoso recorda o “retorno” daquela mesma comunidade branca, no momento da descolonização. Haverá consonâncias entre estas memórias vividas apesar de atores sociais diferentes? Numa leitura das obras de Reis Ventura e Dulce Maria Cardoso, sob a ótica dos conceitos de memória e vestígio, entre o cânone e arquivo, “desmemória” ou esquecimento (Assmann 2016), indaga-se sobre a importância dos testemunhos para a construção da memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; retorno; Reis Ventura; Dulce Maria Cardoso

MEMÓRIA

A reflexão em torno das obras *Os Dias da Vergonha* (s/d) e *O Retorno* (2012) de Reis Ventura e de Dulce Maria Cardoso respetivamente, assenta nos pressupostos apresentados por Aleida Assmann no que respeita à dinâmica de memória cultural, entre o cânone e o arquivo, numa análise interdisciplinar assente nos estudos culturais.

Assmann (2016, p. 75) considera a memória “altamente selectiva”:

a capacidade da memória é limitada por constrangimentos neurais e culturais, como a focalização e o preconceito. É

também limitada por pressões psicológicas, com o efeito de que as recordações penosas ou incongruentes se ocultam, deslocam, exageram e, possivelmente, se apagam. (Assmann, 2016, p. 75)

Neste trabalho, pensar a “memória” é considerar de igual forma o “esquecimento”. Tal como a memória individual, a memória cultural processa-se de forma semelhante, inclusive as formas de esquecer: o esquecimento ativo, enquanto processo de destruição de fontes documentais; e o esquecimento passivo, que tem a ver com atos, como “perder, esconder, dispensar, negligenciar, abandonar ou deixar alguma coisa para trás” (Assmann, 2016, p. 76). Ainda de acordo com Assmann, “os objectos não são materialmente destruídos; saem dos enquadramentos de atenção, avaliação e uso” (Assmann 2016, p. 76). Assim acontece com toda a obra de Reis Ventura, um jornalista e escritor radicado em Angola, comprometido ideologicamente com a ideia do império pluricontinental e multirracial, de pendor paternalista e lusotropicalista. Reis Ventura não é, à partida, objeto ou fonte documental “útil” à construção da memória do império colonial português, pois não faz parte do “cânone”, ou seja, não pertence ao grupo de “textos normativos e formativos, lugares, pessoas, artefactos e mitos que se destinam a ser activamente difundidos e comunicados em apresentações e representações sempre novas” (Assmann, 2016, p. 78).

Não se está a reivindicar um lugar de destaque para Reis Ventura enquanto memória viva da situação colonial ou do “retorno”; simplesmente, a História deve ser feita a várias vozes, sonantes e dissonantes, e não de silêncios, lembrando que, conforme afirma Eduardo Lourenço, “antes do 25 de Abril *não era necessário* discutir os problemas africanos. Depois do 25 de Abril, tudo se passa como *se não fosse necessário*, ou melhor, como se já não fosse necessário” (Lourenço, 2014, p. 203). É necessário remexer o “arquivo” e recolher todos os testemunhos possíveis, independentemente do seu carácter político, ideológico, literário, jornalístico ou outro; por não ter sido remexido, criou-se um silêncio (uma desmemória) de mais de trinta anos, como se a questão colonial portuguesa tivesse sido resolvida ou superada pelos portugueses.

Em 2011, em *O Retorno*, Dulce Maria Cardoso verbaliza a descolonização não-exemplar, o trauma do retorno, trazendo novamente a figura do “retornado” ao espaço público sem pudor nem preconceito, numa época de “marketing da nostalgia” (visível pelas inúmeras edições de obras sobre a temática do adeus ao império) e numa altura em que os “retornados” já conseguem “abrir o baú” (Ribeiro, 2010). Trata-se de uma narrativa

ficcional, inserida na designada “literatura de retornados”, ou seja, escrita por quem viveu numa África “portuguesa” que foi obrigado a abandonar mercê das circunstâncias políticas dos anos 1974-75. Ora, entre 1976-77 (a par de outras narrativas mais ou menos ignoradas), Reis Ventura publica *Os dias da vergonha*, onde, tal como Dulce Maria Cardoso, apresenta um relato dos factos ocorridos entre o 25 de abril de 74 e o 11 de novembro de 75, incidindo na descolonização não-exemplar e na “jangada de naufragos” vinda de Angola.

Desde os primórdios, a História do império colonial português fixou-se através de uma narração em que *factum* e *factum* se confundem. Ao longo dos séculos, após o nascimento da nação portuguesa, uma das missões da literatura foi de se fazer cumprir o império. De facto, a história e a literatura têm um percurso paralelo e complementar na construção da ideia e do ideal imperial no imaginário coletivo português. Mas, devido ao “rígido controlo político e cultural exercido pelo salazarismo sobre as Universidades” (Pimenta, 2008, p. 143), a historiografia colonial portuguesa tardou em aparecer. No século XX, como afirma o historiador Fernando Tavares Pimenta, “a ideologia nacionalista do regime não era consentânea com uma análise científica da realidade” (Pimenta, 2008, p. 144). Por isso, atualmente, admite-se no método historiográfico obras de ficção de escritores que seguem uma narrativa realística, que criam um testemunho de factos, costumes ou comportamentos, para colmatar a falha na análise científica da realidade. Este método ainda não é consensual, mas se se defender que a palavra deve servir para revelar e não para esconder, pode-se admitir a ficção para o estudo da história cultural do império colonial português. A “palavra”, usada politicamente na legitimação da situação colonial portuguesa, depressa passou para o campo cultural ou para o campo das mentalidades, como se pode verificar pelos resquícios do pensamento colonial que resistem no imaginário coletivo, essencialmente de índole lusotropicalista, o que leva ao silenciamento ou ocultação do passado, quer em Portugal quer em Angola, tal como refere Alberto Oliveira Pinto:

em Portugal e em Angola a razão do Estado e a sua legitimidade impuseram que qualquer abordagem da literatura colonial fosse um acto temerário porque politicamente incorrecto; as próprias sociedades e populações portuguesas e angolanas compartilharam inconscientemente esses silêncios, as primeiras imergidas numa letargia que vem na continuidade do ancestral e falacioso mito do ‘anti-racismo português’, as segundas numa atitude que nos reconduz ao ‘terceiro tipo’ de silêncio enunciado por Marc

Ferro, o da ocultação de um passado humilhante. (Pinto, 2010, p. 128)

As obras *Os dias da vergonha*, de Reis Ventura e *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso apresentam visões da tragédia humana ocorrida entre o 25 de abril de 1974 ao 11 de novembro de 1975, decorrente do retorno forçado de Angola para Portugal: a primeira é, segundo o autor, um testemunho direto da descolonização e do subsequente êxodo dos colonos portugueses; a segunda, é um relato ficcional de memórias do colonialismo, da descolonização e da integração fracassada dos milhares de “retornados” vindos da colónia.

MEMÓRIAS DA PARTIDA DE ANGOLA: JANGADA DE NÁUFRAGOS

Dulce Maria Cardoso, na sua obra *O retorno* (2012), representa a ruína do império colonial português e o fracasso da integração dos colonos portugueses de Angola na “pátria” europeia, em particular da geração dos filhos dos emigrantes, que não conheciam a metrópole, entre a decepção e a miséria: “então a metrópole afinal é isto” (Cardoso, 2012, p. 65).

O núcleo familiar do adolescente Rui, o narrador, é constituído por D. Glória (mãe), doente com os ares de África e saudosa da terra natal na metrópole, pela irmã Milucha, e pelo pai, Mário, com espírito de emigrante:

sempre houve duas terras para a mãe, esta que a adoeceu e a metrópole, onde tudo é diferente e onde a mãe também era diferente. O pai nunca fala da metrópole, a mãe tem duas terras mas o pai não. Um homem pertence ao sítio que lhe dá de comer a não ser que tenha um coração ingrato, era assim que o pai respondia quando lhe perguntavam se tinha saudades da metrópole. (Cardoso, 2012, p. 11)

No momento da partida prevista, por causa de uma desavença com soldados angolanos a família é separada: o pilar familiar, o pai, fica em Angola e por muito tempo não se saberá do seu paradeiro. Chegada a Lisboa, a família fragilizada é instalada num hotel de cinco estrelas no Estoril e recebida pela própria diretora do estabelecimento turístico: “no meio do azar ainda tiveram sorte, há famílias instaladas nos parques de campismo ou em pensões miseráveis, ao menos calhou-vos um hotel de luxo” (Cardoso, 2012, p. 69). Durante um ano, circunscritos a um quarto de hotel e despojados de todos os bens, desorientados pela ausência do pai e sem quaisquer apoios na pátria, a família e o jovem Rui personificam os destroços e os estilhaços de um império.

Escritor colonialista e, segundo Luandino Vieira, um homem “igual a sim mesmo” (Vieira, 2015, 353), Reis Ventura escreve a obra *Os dias da vergonha* com o subtítulo *25 de abril de 1974 a 11 de novembro de 1975. Os nomes e os acontecimentos da ‘libertação de Angola’* (s/d), publicada provavelmente em 1976, e dedicada “a todos os que continuam portugueses, dentro e fora de Portugal”. O General Silvino Silvério Marques (antigo governador de Angola) assina o prefácio, onde afirma que “a verdade dos acontecimentos está sendo, aos poucos, descoberta por testemunhas atentas e sensíveis que, numa tessitura aqui e além romanceada, vão contando o que efectivamente presenciaram” na “maior tragédia (e vergonha) da nossa História: a ‘Descolonização’ e o ‘Retorno’” (Ventura, s/d, p. 7). Silvério Marques enaltece, ainda, o surgimento deste tipo de reflexões, num tempo em que constata a existência de uma “acomodação covarde de muitos” e a “amnésia de quase todos”, referente a um passado recentíssimo. Silvério Marques recorda ainda a figura marcante de Reis Ventura em Angola, pelas inúmeras obras literárias, pela sua colaboração num jornal (*Província de Angola*) e pela “fluente e empolgante oratória em momentos históricos da vida do País e de Angola” (Ventura, s.d., p. 7).

A obra *Os dias da vergonha* está dividida em doze capítulos, precedidos de uma “explicação necessária” do autor:

o “narrador e principal personagem [é] um jovem angolano, que sinceramente [deseja], com dignidade e bom senso, a independência de Angola. Não direi o seu nome, nem a sua raça, nem a sua religião... Mas esse jovem angolano existe e, felizmente, continua vivo. Reproduzo, por vezes textualmente, afirmações que lhe ouvi. Creio ter interpretado as suas ideias e sentimentos, com respeito e fidelidade. (Ventura, s.d., p. 12)

Em *Os dias da vergonha*, pela voz do jovem angolano apresentam-se cenários de degradação e de resignação nos dias da ponte aérea:

Setembro aproxima-se do fim.

Como ainda se não sabe quando voltará a sair o jornal, passei toda esta tarde no Aeroporto. (...) Milhares de pessoas aguardam pacientemente os aviões da ponte aérea. Famílias inteiras, com crianças de todas as idades, ali vivem desde há dias, dormindo ao relento e alimentando-se de frutas e conservas. Há meninos que choram com fome, enquanto outros guardam ciosamente os seus bens mais estimados: uma boneca vestida de minhota, um Tio

Patinhas de plástico que até grasna se lhe apertarem a barga, um cãozinho de que não quiseram separar-se. (Ventura, s.d., p. 153)

Toda aquela gente parece apática, resignada, já esgotada em toda a sua capacidade de sofrimento, sem outra ambição que não seja a de sair de Luanda o mais depressa possível. Trocam-se automóveis por alguns maços de cigarros. Entregam-se aos criados pretos as chaves de ricas vivendas. Dão-se dezenas de contos em dinheiro angolano por algumas notas de cem escudos do Banco de Portugal. (Ventura, s.d., p. 153)

Em *O retorno*, “a mãe [de Rui] não consegue deixar cá [em Angola] a fotografia dos avós mas tem de deixar o álbum onde guardou os bebés batizados, os noivos casados, as comungantes santas. Se o pai não deitar fogo a tudo os familiares da metrópole vão parar às mãos dos pretos” (Cardoso, 2012, p. 36).

MEMÓRIAS E VESTÍGIOS COLONIAIS

Aos conceitos de *cânone* e *arquivo* na dinâmica da memória cultural, acima referidos, Aleida Assmann relaciona outros dois: *mensagem* e *vestígio* (Assmann, 2016, p. 77), sendo o primeiro aquilo que foi produzido para ser oficialmente transmitido a gerações futuras (memória oficial), e o segundo uma aproximação do “testemunho num sentido amplo, abrangendo o não-intencional, aquilo que, não transmitindo uma visão estruturada, pode servir de base a uma história alternativa que não se deixe engodar pelas lógicas dominantes” (Ribeiro, 2015, p. 85).

O mediatismo da obra de Dulce Maria Cardoso fez retomar a discussão pública da condição de “retornado”, como se pode constatar pelas inúmeras edições e reportagens sobre a temática do retorno apresentadas no panorama cultural nacional. Em pouco tempo, a obra tornou-se na referência principal do “testemunho”, no “Eu estive aqui” da considerada maior tragédia portuguesa. Enquanto a obra *O retorno* pertence ao *cânone*, ou seja, é memória em circulação do “retorno”, cravando-se deste modo na memória coletiva, Reis Ventura (à semelhança de outros escritores coevos) é remetido para o *arquivo* onde o passado é passado, apesar da narrativa focar e denunciar o mesmo facto histórico: a descolonização portuguesa.

Considera-se, ainda, que a memória da descolonização portuguesa, que se sabe não-exemplar, acaba por perpetuar a fantasia colonial existente

no imaginário dos ex-colonos ou “retornados”. Dito de outro modo, destas memórias coloniais de Ventura e Cardoso fica a *mensagem* da descolonização não-exemplar e de um trágico “retorno”, embora com *traços* ou *vestígios* saudosistas, acentuados pelo forte sentimento de perda individual e coletiva, de um império colonial português que afinal *poderia* ter sido/continuado pluricontinental e multirracial ou, em último caso, uma nação (ou federação neocolonial) multirracial (brancos, pretos e mestiços); estes traços estão representados pelas personagens Zé (tio de Rui) e Sr. Mário (pai de Rui), de *O retorno*, e pelo narrador “jovem angolano” de *Os dias da vergonha*, como se verifica nos seguintes excertos, que parecem fazer ressonância entre si:

o tio Zé que não se vai embora porque quer ajudar os pretos a formar uma nação. O pai ri-se sempre que o tio Zé fala na grandiosa nação que se erguerá pela vontade de um povo oprimido durante cinco séculos. (Cardoso, 2012, p. 8)

Para o pai os soldados portugueses são uns traidores reles mas para o tio Zé são heróis antifascistas e anticolonialistas. (Cardoso, 2012, p. 12)

Durante algum tempo o pai continuou a acreditar que 1975 ia ser o melhor ano das nossas vidas, vai correr tudo bem, vamos construir uma nação, pretos, mulatos, brancos, todos juntos vamos construir a nação mais rica do mundo. (Cardoso, 2012, p. 33)

- A Bandeira Portuguesa? Caiu em mãos de traidores que a estão a encher de lama... Faz-me um favor, meu filho: não me fales agora em Pátria, Bandeira e coisas assim. Somos apenas gente que foge, para salvar a vida, não é verdade? E desde há muito que eu ouço dobrar a finados por uma Pátria que foi grande, corajosa e original... (Ventura, s.d., p. 170)

Mas os tiros e os morteiros não pararam, os pretos continuaram a vir de todo o lado e os brancos a irem-se embora, os tropas portuguesas já nem da bandeira queriam saber e os comunistas da metrópole vieram para cá. (Cardoso, 2012, p. 33)

Perante espetáculos tão infames [assaltos, violações, mortes], a tropa portuguesa, infestada de uma hedionda escumalha intencionalmente mandada pelos comunistas de Lisboa, mantém-se vergonhosamente apática, quando não descaradamente colaborante. (Ventura, s.d., p. 148)

Apesar das adversidades, há sobretudo nas memórias coloniais de Ventura e Cardoso uma mensagem de esperança, transposta para a nova “terra”, exemplificada nos seguintes excertos das obras analisadas:

Decorreu quase um ano. Naquela esquina que era um dos pontos de reunião dos ‘retornados’ da zona, o guarda-livros sempre abriu o seu sonhado restaurante. O dono da papelaria, trabalhando no duro com as mulheres e as filhas, revelou-se muito... (Ventura s.d., pp. 203-204)

O mar (...) continua a dizer-me que o futuro pode ser onde se quiser. (Cardoso, 2012, p. 266)

As obras em estudo revelam a premência de doravante se evitar os silêncios e de recuperar a memória e o testemunho do “retornado” na primeira pessoa. A memória não pode ser um simples recurso de uso conveniente, mas antes um instrumento cultural, social e identitário com as “tripas à mostra (...), em carne viva” (Acácio, 2009, p. 77) de utilização permanente. Resgatar a memória é resgatar silêncios, fazer falar “arquivos” silenciados ou auto-silenciados. Reis Ventura e Dulce Cardoso, cada um à sua maneira, dão um contributo no sentido do resgate das memórias coloniais de um Portugal imperial que urge continuar a expor e, portanto, a investigar.

REFERÊNCIAS

- Acácio, M. (2009). *A Balada do Ultramar*. Alfragide: Oficina do Livro.
- Assmann, A. (2016). Cânone e arquivo. In F. M. Alves, L. A. Soares & C. V. Rodrigues (Eds.), *Estudos da Memória. Teoria e Análise Cultural* (pp.75-86). V.N. Famalicão: Edições Húmus.
- Cardoso, D. M. (2012). *O retorno*. Lisboa: Edições Tinta-da-china.
- Lourenço, E. (2014). *Do colonialismo como nosso impensado*. Lisboa: Gradiva.

- Pimenta, F. T. (2008). *Angola, os brancos e a independência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, A. O. (2010). *Representações coloniais: História e literatura. Angola, os angolanos e suas culturas (1924-1939)*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Retirado de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/2018?locale=en>
- Ribeiro, A. S. (2015): Memória. In R. Walter & M. C. Ribeiro (Eds.): *Patrimónios de influência portuguesa: modos de olhar* (pp. 81-119). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, R. (2010, 12 de agosto). Os retornados estão a abrir o baú. *Público*. Retirado de <https://www.publico.pt/2010/08/12/culturaipsilon/noticia/os-retornados-estao-a-abrir-o-bau-263209>
- Ventura, R. (s/d). *Os dias da vergonha*. Lisboa: Fernando Pereira-Editor.
- Vieira, J. L. (2015). *Papéis da prisão. Apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. Alfragide: Editorial Caminho.

Citação:

Pimenta, S. & Ribeiro, O. (2019). Memórias coloniais em Reis Ventura e Dulce Maria Cardoso. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 345-353). Braga: CECS.